

ADOLESCÊNCIA EM EVIDÊNCIA: UM ESTUDO DESCRITIVO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE SOBRE A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS ENTRE ADOLESCENTES¹

Ana Jakellyne Pecori Viana²

RESUMO: Dentre as diversas condições de saúde, o abuso de álcool e outras drogas são as mais estigmatizadas pela população geral, inclusive adolescentes e profissionais de saúde. Principalmente, no caso do abuso de substâncias, em que tanto a responsabilidade pelo surgimento do problema, quanto pela sua solução é considerada como estritamente individual e entendida como um problema moral. O estudo intenciona discutir a necessidade de intervenção e avaliação no âmbito da saúde e educação junto aos profissionais que atuam entre adolescentes com foco na prevenção do uso de drogas entre adolescentes. Com base nessas aspirações, nota-se que a participação coletiva, o olhar para as relações sociais no trabalho, o desenvolvimento científico da experiência empírica e a qualificação dos processos de formação que se revelam nas práticas de acompanhamento, atendimento e cuidados a este público são algumas das intenções que reforçam a relevância do trabalho na perspectiva de rede e integralidade. Espera-se assim aumentar o índice de adolescentes que se apropriam do conhecimento sobre a prevenção do uso de drogas, com foco na relação social e familiar.

Palavras-chaves: Adolescência. Saúde. Educação. Prevenção. Drogas.

ABSTRACT: Among the various health conditions, alcohol and other drug abuse are the most stigmatized by the general population, including adolescents and health professionals. Especially in the case of substance abuse, where both the responsibility for the emergence of the problem and its solution is considered to be strictly individual and understood as a moral problem. The study intends to discuss the need for intervention and evaluation in the field of health and education among professionals working among adolescents with a focus on the prevention of drug use among adolescents. Based on these aspirations, it is noted that collective participation, the look at social relations at work, the scientific development of empirical experience and the qualification of the training processes that are revealed in the practices of follow-up, care and attention to this public are some of the intentions that reinforce the relevance of the work in the perspective of network and integrality. It is hoped, therefore, to increase the rate of adolescents who appropriate knowledge about drug prevention, focusing on social and family relationships.

Keywords: Adolescence. Cheers. Education. Prevention. Drugs.

¹ Ensaio sobre educação e adolescência resultado de discussões da graduação em Psicologia.

² Psicóloga pela Universidade Sul de Santa Catarina, Especialista em Psicologia Organizacional pela Uniara - Centro Universitário Araraquara; Docente no curso de graduação em Psicologia da UNISEPE, Registro - SP. anajakellyne@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A dependência das substâncias psicoativas, ou seja, qualquer droga que altere o comportamento e que causa dependência (álcool, maconha, cocaína, crack, medicamentos), se caracteriza por o indivíduo sentir que a droga é tão necessária em sua vida quanto o alimento (MARCAL, 2012).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece a dependência química como doença, pois reconhece como uma alteração da estrutura e funcionamento normal da pessoa, que lhe seja prejudicial. Ressalta-se que por definição, a doença da dependência não é responsabilidade do dependente, podendo ter várias interpretações, por ser elaborada por grupos de diferentes áreas (médica, científica, moral ou legal) (BRASIL, 2004).

Com isso, a dependência pode ser tratada de diversas maneiras; entre eles em comunidades terapêuticas, centro de atenção psicossocial, centros de convivência e cultura entre outros serviços substitutivos (SABINI; CAZENAVE, 2005). O Ministério da Saúde do Brasil (2005) criou uma cartilha para apresentar os serviços oferecidos para a população a partir da reforma psiquiátrica e as mudanças políticas na saúde mental no país. Essa cartilha corrobora com Amarante (1995) quando caracteriza os serviços prestados pelo SUS como uma rede articulada e comunitária de cuidados para as pessoas com dependência química, seus familiares e toda a sociedade.

Desta forma, ampliando a ideia da desinstitucionalização e criando estratégias/programas para que o sujeito se envolva com a sociedade novamente. Dentre estes serviços estão ajuda financeira, aceitação social, centros de atendimento e programas de volta para casa. O autor nomeia esta ação de desinstitucionalização, que vai além de retirar os pacientes do hospital, mas com o intuito de desconstruir a doença mental como defeito ou sujeitos sem vontade própria. Nas discussões geradas pelo autor:

Desinstitucionalização significa tratar o sujeito em sua existência e em relação com suas condições concretas de vida. Isto significa não lhe administrar apenas fármacos ou psicoterapias, mas construir possibilidades. O tratamento deixa de ser a exclusão em espaços de violência e mortificação para tornar-se criação de possibilidades concretas de sociabilidade a subjetividade (AMARANTE, 1995, p. 494).

Ribeiro & Ribeiro (1948), pontuam que a família em decorrência de mudanças culturais e econômicas teve que se reestruturar como uma instituição social, adaptando-se ao “novo tecido social”. A partir de então, a família passaria também a representar uma instituição social plena, com a existência de mediação entre diferentes renovações. “A família possui o importante papel de transmissão de valores, como também os arranjos familiares” (RIBEIRO; RIBEIRO, 1948, p. 148).

De acordo com este novo modelo de cuidado dos usuários que sofrem do uso de drogas, as famílias se veem despreparadas e desamparadas técnica, teórico e socialmente falando. Isto é esclarecido na pesquisa de Silva e Santos (2009) com mães de filhos diagnosticados com esquizofrenia, em decorrência do uso de drogas. Identificam-se em relação à convivência familiar, dificuldades de enfrentamento com o diagnóstico, com os cuidados, com a frustração, assim como com a aceitação do filho.

Foi realizado ensaio acadêmico, sob a ótica qualitativa, do tipo bibliográfico. Quanto ao planejamento, iniciou-se com a identificação do tema e do problema da pesquisa, em seguida a delimitação da pesquisa.

O FATOR DA DEPENDÊNCIA E A ADOLESCÊNCIA

Para Pacheco, Scisliski (2013) e Frandoloso (2008) o consumo de substâncias psicoativas cresceu assustadoramente a partir da segunda metade do século XX, configurando-se nas últimas décadas desse século. Sendo, em função da complexidade desse fenômeno na atualidade, a dependência química é um problema que vem recebendo crescente atenção, mobilizando tanto o sistema de saúde (PRATTA, 2009). A dependência química na atualidade corresponde a um fenômeno amplamente divulgado, discutido e vivenciado isto posto, pois o uso abusivo de substâncias psicoativas tornou-se um grave problema social, de saúde pública e que envolve muitos dos profissionais da saúde diante desta realidade (RIBEIRO, 2004).

A dependência química é uma das causas do vazio existencial, da dor, da angústia e do sofrimento humano. É uma das maneiras que o indivíduo encontra para fugir da sua realidade de vida e isso se dá quando ele não tem mais uma razão para viver, um sentido, uma missão para cumprir (FRANDOLOSO, 2008, p. 10).

A adolescência é uma etapa da vida com grande potencial de incremento de habilidades e competências, dentre elas, os comportamentos psicossociais. Eles são

definidos como comportamentos que favorecem outras pessoas ou grupos sem busca de recompensa externa ou material e podem gerar reciprocidade positiva nas relações interpessoais e sociais, configurando-se como estratégias para mobilização de recursos protetivos para a saúde mental (OLIVEIRA, 2005).

Desta forma, os serviços de atendimento a adolescentes necessitam de capacitação para atender a essa demanda e habilitação para a avaliação dos transtornos mentais na adolescência, assim como nos indicadores para diagnóstico da dependência química. Assim, o atendimento aos adolescentes que se envolvem com o uso de drogas, com ou sem morbidades, necessita contemplar no tratamento, o desenvolvimento global dos envolvidos, auxiliando-os na resolução dos conflitos, motivando-os na mudança de seu comportamento problema e promovendo ações de conscientização do seu estilo de vida (OLIVEIRA, 2005).

A adolescência, relevante fase de transformação, constituição e estruturação da identidade, inclui importantes transições psicossociais. Muitos adolescentes, em especial os que vivem em centros urbanos, estão inseridos em territórios permeados por violência e comportamentos antissociais. Espaços destinados ao desenvolvimento, à educação e à promoção de saúde, como as instituições de ensino, por vezes não escapam desse cenário permeado por violência. A adolescência tem sido descrita como um dos marcos mais importante no processo de desenvolvimento humano, inserindo-se como transição entre a infância e a idade adulta, quando são estabelecidos hábitos de conduta e modelos de socialização. É nessa fase que se criam princípios da moralidade adulta, dos códigos éticos e do compromisso ideológico (PAJARES; FARIAS; TUCCI E MONTEIRO, 2015).

Outrossim, é possível evidenciar a efetividade de uma intervenção breve dirigida a adolescentes usuários de substâncias psicoativas na redução do consumo de substâncias. Embora outros fatores possam ter também contribuído para isto, a orientação preventiva parece ter reduzido o aumento no consumo de maconha, mas aumentado o de álcool e tabaco. São necessários estudos mais aprofundados sobre a efetividade de programas de prevenção do uso de álcool e outras drogas, a fim de que se desenvolvam abordagens mais abrangentes e eficazes (MICHELI; FISBERG; FORMIGONI, 2004).

De modo geral, Salles, Chaves, Moreira, Brito, Mendonça e Oliveira (2016), apontam que nos últimos tempos, as ações voltadas para o uso de substâncias

psicoativas têm progredido de um padrão em que eram focadas no tratamento e na intervenção, para valorizar a educação, a saúde, a vida e a contribuição familiar, ou seja, passam a ser direcionadas a estratégias de prevenção.

Segundo a CEBRID, a dependência é o impulso que leva a pessoa a usar uma droga de forma contínua (sempre) ou periódica (frequentemente) para obter prazer. Com isso, algumas pessoas podem também fazer uso constante de uma droga para aliviar tensões, ansiedades, medos, sensações. Neste contexto, a dependência pode ser avaliada de forma física e a psicológica. A dependência física caracterizasse pela presença de sintomas e sinais físicos que aparecem quando a pessoa rompe com o uso de drogas ou diminui bruscamente. Em relação à dependência psicológica corresponde a um estado de mal-estar e desconforto que surge quando o dependente interrompe o uso de uma droga.

Assim, verifica-se que os sintomas mais comuns são ansiedade, sensação de vazio, dificuldade de concentração, mas que podem variar de pessoa para pessoa. Vale ressaltar que, a maioria dos casos relacionados à dependência física pode ser tratada. Por outro lado, o que quase sempre faz com que uma pessoa volte a usar drogas é a dependência psicológica, de difícil tratamento e não pode ser resolvida de forma relativamente rápida e simples como a dependência física.

Para Vizzuso (2014) a adolescência é um período de grandes mudanças e instabilidade de humor, além de ser um o período no qual podem se manifestar conflitos latentes, psicológicos e sociais. Das pressões sociais e psicológicas vividas nesta fase, o adolescente pode buscar alívio no uso de drogas, que vêm sendo utilizadas cada vez mais cedo e com mais frequência pelos adolescentes. Sendo assim, observa-se que da família para o meio social, o adolescente, aos poucos, vai transferindo suas aspirações e experimentando vivências até então não permitidas, na ânsia de assumir uma posição de maior poder. O consumo de drogas é, em nossa cultura, parte da realidade do mundo adulto e, portanto, uma experiência que muitos adolescentes cobijam ter, como sinal de pertencimento a esse mundo.

Assim, estudos corroboram apresentando números significativos de dependência diante do público adolescente, salientando este momento, como especial na vida do indivíduo. Nessa etapa, o adolescente não aceita orientações, pois está testando a possibilidade de ser adulto, de ter poder e controle sobre si mesmo. É um momento de diferenciação em que "naturalmente" afasta-se da família e adere ao seu grupo de iguais,

havendo a possibilidade da experiência do uso de drogas. Ao entrar em contato com drogas nesse período de maior vulnerabilidade, expõe-se também a muitos riscos.

Vale destacar a importância do conjunto e interação entre equipe interdisciplinar e família na prevenção do uso de drogas entre adolescentes. O encontro do adolescente com a droga é um fenômeno muito mais frequente do que se pensa e, por sua complexidade, difícil de ser abordado (MARQUES; CRUZ, 2000). More, Crepaldi, Gonçalves e Menezes (2009) acrescentam sobre a importância da interdisciplinaridade dentro de cada especialidade de equipes visando à sustentação de uma ação unificada. Acredita-se que as relações, o contexto, as interações de todos os elementos envolvidos constituem saberes interligados com trocas de conhecimentos com os demais profissionais.

Desta forma, salienta-se que, as principais características de um profissional são ser capacitado para intervir e em cima disso produzir conhecimentos a partir das necessidades, com os recursos disponíveis juntamente a equipe, devendo estar sempre pronto a novas intervenções no campo de atuação. Logo, compreender essa dimensão através dos adolescentes permite a equipe interdisciplinar ampliar o conhecimento sobre o campo de atuação, as formas de enfrentamento utilizadas e, por conseguinte, as possibilidades de manejo em suas intervenções. Obter conhecimentos sobre o tema proposto poderá auxiliar a equipe de saúde, os familiares e os próprios adolescentes a promovendo discussões em relação à prevenção do uso de drogas com adolescentes e familiares.

Marcon, Sene e Oliveira (2015) assinalam sobre a importância do contexto familiar, espaço onde as relações entre os diferentes membros se desenvolvem, interfere diretamente no amadurecimento dos adolescentes e se configura em uma base de sustentação em meio a tantas descobertas. Na adolescência há busca intensa por uma identidade pessoal, além da necessidade de se destacar no grupo familiar, momento em que pode ser evidenciada uma “crise psíquica”, predispondo o adolescente a uma situação de vulnerabilidade, com comportamentos de risco, uma vez que são sujeitos em formação e que estão se integrando às normas e regras sociais.

Sendo assim, percebe-se que os contextos familiares onde os relacionamentos são insatisfatórios, com ausência de diálogo e incompreensão, entre os pais ou outros familiares do convívio, são propícios ao uso de drogas pelos adolescentes, pois é nesse ambiente que esse irá se deparar com os modelos de comportamentos a serem seguidos.

Para isso, ressalta-se a necessidade da participação da família e das intervenções breves neste contexto, pois as interações e os vínculos familiares podem ser, na maioria das vezes, favoráveis ao convívio social e à recuperação do adolescente usuário, bem como podem promover atitudes incompatíveis com o tratamento e convívio em sociedade quando se encontram fragilizados, gerando conflitos dentro do contexto familiar.

Igualmente, é possível compreender a importância e necessidade de pesquisar aprofundar os estudos neste contexto, pois de acordo com a UNODC, baseadas em evidências científicas, as estratégias de prevenção trabalhadas com famílias, escolas e comunidades podem garantir que crianças e jovens, principalmente os mais marginalizados e pobres, cresçam e permaneçam saudáveis e seguros até chegarem à vida adulta e à velhice. Para cada dólar gasto em prevenção, pelo menos dez podem ser economizados em custos futuros com saúde, programas sociais e crime.

Segundo Moreira, Vovio e Micheli (2015) o consumo de drogas é apontado como uma das principais preocupações da sociedade, e a educação e a saúde têm sido consideradas espaços privilegiados para o desenvolvimento da prevenção e a promoção da saúde dos adolescentes. Neste viés, os autores apontam que tanto os saberes e representações sociais quanto os fatores que interferem nas ações educativas pode qualificar projetos e programas de prevenção ao consumo de drogas a ser desenvolvidos na saúde e educação.

Neste sentido, o trabalho com adolescentes e familiares aumenta a eficácia da prevenção. Tendo em vista que o adolescente que tem o diagnóstico não é internado e afastado da sociedade como antigamente, e que hoje ele permanece no ambiente social e na comunidade onde ele mora, a proposta deste projeto pode promover a maior aderência da família ao trabalho dos profissionais de saúde, contribuindo desta forma à melhora do adolescente e à sua reinserção social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado em alguns estudos o ambiente escolar, onde geralmente o adolescente se encontra inserido, constitui um espaço favorável para realização dessas estratégias, pois sua função fundamental de educar para a vida, propicia melhor entendimento das coisas e pode gerar mudanças sociais para um futuro melhor para esses jovens. Para intervir como elemento de proteção contra o uso de drogas o campo

do ensino deve se articular com o da saúde, para que juntos estabeleçam ações a serem desenvolvidas.

A integração entre Saúde e Educação se faz necessária uma vez que as áreas atendem demandas subjetivas, ou seja, prezam por objetivos similares e direta ou indiretamente defendem a saúde do público atendido tanto no aspecto cognitivo quanto afetivo.

Pontua-se como grande desafio, a necessidade de promover a prevenção social dos adolescentes, pois tal ação está relacionada com a possibilidade de fortalecimento dos vínculos familiares e demais membros da sociedade, por meio da circulação e ocupação dos espaços sociais. Ademais, promover a ação de prevenção do uso de drogas entre os adolescentes é uma estratégia que necessita ser impulsionada pelos profissionais dos serviços de saúde mental, por meio de atuações que permitam a este adolescente tornasse mais autônomo. No entanto, este é um processo que carece ser construído em parceria com a família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. **Novos Sujeitos, Novos Direitos: o debate em torno da Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Caderno Saúde Pública, 1995, p. 491-494. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v11n3/v11n3a11.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BRASIL. **Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/php/level.php?lang=pt&component=51&item=38>. Acesso em: 11 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Coordenação geral de saúde mental. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil: documento apresentado à Conferência Regional de reforma dos serviços de saúde mental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCkQFjAA&url=http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf&ei=ZwCUUKjbc4yC0QGm1IC4Ag&usq=AFQjCNG 21HaPFJCam7tvGTr2GM1Smq79uw. Acesso em: 15 ago. 2017.

CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS (CEBRID). **ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME** (UNODC). Disponível em:

https://www.unodc.org/documents/lpobrazil/noticias/2013/09/UNODC_Normas_Internacionais_PREVENCAO_portugues.pdf. Acesso em: 20 ago. 2017.

FRANDOLOSO, Francielly. **Dependência Química: uma abordagem logoterapêutica**. 2008. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Francielly%20Frاندoloso.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MARCAL, Eliane Subtil. **Dependência Química**. **Portal Educação**. 2012. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/19220/dependencia-quimica>. Acesso em 20 ago. 2017.

MARCON, Samira Reschetti; SENE, Jennifer Oliveira de; OLIVEIRA, José Roberto Temponi de. **Contexto familiar e uso de drogas entre adolescentes em tratamento**. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. Cuiabá: v., n. 3, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v11n3/pt_02.pdf. Acesso em: 21 ago. 2017.

MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli; CRUZ, e Marcelo S. **O adolescente e o uso de drogas**. São Paulo: Revista Brasileira de Psiquiatria, v.22, n.2. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600009. Acesso em: 22 mar. 2017.

MICHELI, Denise De; FISBERG, Mauro; FORMIGONI, Maria Lucia O.S. **Estudo da efetividade da intervenção breve para o uso de álcool e outras drogas em adolescentes atendidos num serviço de assistência primária à saúde**. Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v. 50, n. 3. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302004000300040. Acesso em 23 ago. 2017.

MOREIRA, André; VOVIO, Claudia Lemos; MICHELI, Denise De. **Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador**. Educação e Pesquisa, v. 41, n.1, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S15177022015000100119&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 10 set. 2017.

OLIVEIRA, Margareth da Silva. **Avaliação e intervenção breve em adolescentes usuários de drogas**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872005000100008. Acesso em: 20 set. 2017.

PACHECO, Alice Leonardi; SCISLESKI, Andrea. **Vivências em uma comunidade terapêutica**. Revista Psicologia e Saúde. Campo Grande, v. 5, n. 2, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v5n2/v5n2a12.pdf>. Acesso em 15 set. 2017.

PAJARES, Rosana Cretendio; FARIAS, Maria Aznar; TUCCI, Adriana Marcassa; MONTEIRO, Nancy Ramacciotti de Oliveira. **Comportamento prossocial em**

adolescentes estudantes: uso de um programa de intervenção breve. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 23, n.2. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000200019. Acesso em: 07 set. 2017.

PRATTA, Elisângela Maria Machado. **O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, v. 25, n. 2. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a08v25n2.pdf>. Acesso em: 18 set. 2017.

RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Família e desafios na sociedade brasileira: valores como um ângulo de análise.** São Paulo: Centro João XXIII, 1948.

RIBEIRO, Marcelo. **Organização de serviços para o tratamento da dependência do álcool.** Revista Brasileira de Psiquiatria. São Paulo, v. 26, n.1. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462004000500015. Acesso em: 15 set. 2017.

SABINO, Nathali Di Martino; CAZENAVE, Sílvia de Oliveira Santos. **Comunidades terapêuticas como forma de tratamento para a dependência de substâncias psicoativas.** Estudos de Psicologia. Campinas, v. 22, n.2. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000200006. Acesso em: 18 set. 2017.

SALLES, Thamyras Alexandre; CHAVES, Erika de Cássia Lopes; MOREIRA, Denis da Silva; BRITO, Mariana Viotti Nogueira; MENDONÇA, Haze Maria Carolina Risolia; OLIVEIRA, Keila Oliveira. **Estratégias de prevenção ou redução do consumo de drogas para adolescentes: revisão sistemática da literatura.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 18, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/36796>. Acesso em 18 set. 2017.

SILVA, G.; SANTOS, M. **Esquizofrenia: dando voz à mãe cuidadora.** Estudos de Psicologia, Campinas, 2009, p. 85-92.

VIZZUSO, Patrícia. **O conflito autonomia-dependência na adolescência e a questão das drogas: intervenção em um grupo de adolescentes no CRAS.** Dissertação Mestrado Unifesp. 2014. Disponível em: http://www2.unifesp.br/centros/cedess/mestrado/baixada_santista_teses/007_bx_patriziavizzuso_tese.pdf. Acesso em 17 set. 2017.